

Calou-se Calane, mas as obras falam

O ano de 2021 começou com expectativas bastante optimistas, até porque quase todos acreditavam que dificilmente algum ano seria pior que 2020. Mas o início menos bom – marcado pelo aumento dos casos de covid-19 e morte de ilustres figuras da nossa praça – quase que nos obriga a rever em baixa as nossas expectativas. Na última sexta-feira, a arte e a comunicação sofreram mais um duro golpe, a morte do escritor Calane da Silva.

D&F Texto: Amad Canda

O mundo da cultura e o país em geral ainda se tentavam recuperar da morte de Bang, um proeminente impulsionador da música jovem moçambicana, mas o destino decidiu interromper esse processo, desferindo mais um soco no estômago do mundo artístico. Na tarde da última terça-feira (29 de Janeiro), irrompeu a notícia dando conta da morte de Raul Alves Calane da Silva – Calane da Silva nos corredores da literatura.

Nascido a 20 de Outubro de 1945, em Lourenço Marques, o escritor deixou sua última linha no livro da vida aos 75 anos de idade, vítima deste demónio que nos ensombra a todos: a covid-19. Calou-se a voz do também poeta e declamador (tem um disco editado), mas as obras são perenes e falam por si.

Figura multidimensional

Nos planos intelectual e de criação, Calane da



Calane da Silva também fazia “incursões pelo teatro e pelo cinema”

Silva foi exímio, conforme se pode depreender do seu rico percurso. A sua vasta e riquíssima obra literária conferiu-lhe um lugar na casta dos maiores cérebros das letras em Moçambique. Entre os seus livros, destacam-se “Dos meninos da Malanga”, de 1981 e “Xindarinha na Lenha do Mundo”, de 1987.

Em 2010 conquistou o Prémio José Craveirinha, que é, porventura, a maior certificação de qualidade que se pode receber no contexto da literatura moçambicana. É certo que os livros deram-lhe uma dimensão maior, mas Calane da Silva exerceu, também com notável qualidade, as funções de ensaísta e jornalista, tendo colaborado com contos na “Gazeta Artes e Letras” da revista “Tempo”, de que foi coordenador. Em 1997, foi chefe

da redacção da Televisão Experimental de Moçambique, actual Televisão de Moçambique (TVM). O mesmo cargo exerceu durante extensos 23 anos no jornal notícias.

Também foi docente no Centro de Línguas da Universidade Pedagógica, em Maputo. Calane da Silva fez os seus estudos superiores em Portugal. Foi na Universidade do Porto que fez o mestrado e o doutoramento em linguística portuguesa. Para a sua dissertação, decidiu imortalizar o nome de José Craveirinha, apresentando o tema “as escolhas lexicais bantus, os neologismos luso-rongas e a sua função estilística e estético-nacionalista nas obras Xigubo e Karingana wa Karingana de José Craveirinha”.

Foi membro fundador da Associação Moçambicana da Língua Portu-

guesa (AMOLP), da Organização Nacional dos Jornalistas (actual Sindicato dos Jornalistas) e do Instituto Internacional da

Dama do Bling, cantora

“Quando criança e ainda na escola primária, a obra de Calane da Silva fez parte da minha educação.

E tive a honra de ter o Calane no lançamento da minha segunda obra literária - Melissa e o Arco Iris. Esta obra tem a assinatura do Mia Couto no prefácio mas foi o grande Calane que fez a introdução e apresentação. Era tão prazeroso quando alguém como o Calane te chamava pelo nome tipo éramos “amigos” de longa data. Descansa em Paz Calane, a tua missão na terra foi cumprida”

Língua Portuguesa (IILP).

As homenagens de todas as esferas

Ninguém ficou indiferente à morte de Calane da Silva. Logo que a notícia se espalhou, diversas figuras manifestaram sua consternação nas redes sociais, mas, acima de tudo, deixaram a certeza de que o legado do multifacetado intelectual será eterno.

Salimo Abdula, empresário

“Ainda haverá Xindarinha na lenha do mundo. É isto que nos liga Calane da Silva, no seu belíssimo texto. Na hora do adeus, só consigo dizer “obrigado Calane pelas histórias lindas, pelas crónicas jornalísticas e lição de vida”.